

O poviléu e redondezas sobre os quais incidem estas linhas são dignos do mais exigente conspecto antológico das aldeias portuguesas. De frente para a Serra de Leomil, Beira Valente pode ser mirada de vários eirados altaneiros que com ela ombreiam pela primazia da celsitude. Ladeado de serras e vales o incola preferiu o oiteiro piramidal para montar o seu presépio. Bem lavado de ares o montículo permitia estratégia ocular de visão por largos horizontes. E dada a multiplicidade de eventos bélicos do passado, tola era a populaça que se ia amainar em chãos buracos.

Beira Valente está ligada a Leomil por uma estrada que em 1910 Julião Morais Sarmiento tentou que fosse prolongada até Castelo. A Câmara fez um projecto mas ficou-se por aí. Atravessada pela via, reclinase suavemente pela encosta da Barra, entre casarios numa compilação urbanística ao jeito medieval. Em redor da povoação combinam arvoredos verdejantes e floridos com lameiras de pascigo, em doces emanações de frescura que lhe envia o ribeiro que desliza a seus pés, remançoso e cristalino, entre as leiras fecundas onde crescem mimos pujantes e hortas viçosas. É cenário idílico que suplanta em sumptuosidade tudo o que se possa imaginar de ourivesaria na célebre ponte do Arno e de velhos adereços processionais.

Bonita e exposta a assobios de brisas que em invernia toldam a pele de um encarnado seco e no Verão entram pelo espírito purificando-o, é uma aldeia de quietude patriarcal de viver provinciano. Galgando a estrada que em pronunciado declive atravessa o primitivo povoado, deparam-se-nos rústicas habitações. Assente no pico do monte, ergue-se altaneira e senhoril esta aldeia, olhando das alturas a líquida fita coleante que se alonga por entre alcantis agrestes e prados verdejantes. Ao cimo da empinada ladeira aparece-nos de frente a capela, uma das maiores relíquias de antanho de que esta povoação é depositária. A bordá-la encontra-se o magnífico adro suportado pela portentosa fonte.

Os recantos e ruelas de feição rural revelam a ancianidade da povoação e o seu carácter estético deve-se em parte ao seu isolamento que a via melhorada que a liga à vizinha povoação do Sarzedo, outrora pertencente ao concelho de Leomil, veio ajudar a combater. Para lá da Barra, até ao horizonte infindo, um panorama de visos maravilhosos, vastíssimos, cuja contemplação avassalada pela grandiosidade da paisagem deslumbra pelo encantamento que nos traz ao olhar. Colmas, cursos de água, matagais, pontes, estradas, casais, muros e valados, tudo parece impreciso e de ilimitada grandeza naquele marchetado tapete de variegado colorido e inconcebível variedade de desenhos.

Beira Valente ter-se-á chamado, em tempos remotos, Póvoa Velha. Isso parece indicar um documento de 1335 que diz *“da Poboia Velha per u chamam Beyra Varenta.”* O nome alude à antiguidade do povoamento deste local. Na verdade, próximo existe o Cargancho, já perto do parque industrial do concelho, onde foram encontrados vários vestígios arqueológicos, além de que no enfiamento da estrada larga que liga Beira Valente à via entre Castelo e Moimenta existe uma orca. No censo joanino de 1527 aparece já com o nome *“quymtam de Bravilamte.”* Em 1758 na Memória Paroquial de Leomil figura como metade pertencente ao concelho de Leomil e outra metade pertencente ao concelho de Castelo.

A sua capela teve uma célebre confraria devota ao Divino Espírito Santo mas que celebrava também a festividade de Santa Bárbara e S. Sebastião. Do património que possuía destacam-se imagens, ornamentos e móveis, um forno e rendimentos fundiários.

A visitar: capela do Divino Espírito Santo; fontanário contíguo ao Adro; um castanheiro centenário à entrada da aldeia; uma orca na estrada entre Beira Valente e Moimenta da Beira.

Leomil

Publicado no dia 23/09/2011

Leomil ressuma as idades da Terra e os jeitos de civilizações primitivas e clássicas, visíveis nos dólmens, restos de estradas romanas, cruces, alminhas, fundações de castros e de mourarias, pedras de cunhais, eirados, portais, cornijas de antigas casas e capelas, palavras e nomes celtas, romanos, godos, árabes, judeus recordações do oriente, do levante, da Europa Central, do Norte de África. Tudo se recova e rescende nas chãs e lombas de Leomil, desde os ritos duídicos às eras da Cristandade, evocando panteísmos e mitologias, gestos bizantinos, românicos, góticos, renascentistas e barrocos, fundidos no ar, no silêncio das cumeadas e no espraído colorido das veigas em que corriscam como estrelas as águas do regadio.

Na meditação dos tesos, no vulto dos penedos, na policromia das várzeas em contrastes de suavidade e aspereza que se juntam na expressão única de uma paisagem sem par, sente-se por toda a parte a Humanidade de passadas gerações. Com os seus ares de altitude puríssimos, as suas águas cristalinas, os mimos dos seus abundantes granjeios, relíquias históricas, a vila de Leomil é estância incomparável para quantos, cansados das cidades, precisam de se esquecer para melhor se encontrarem.

Mergulhando na bruma dos séculos o que encontramos é uma história de excelência, galgada com um aprumo de honra e fidalguia. Da antiguidade desta Terra, de pitoresca e aprazível situação entre o sopé da Serra de Leomil que a torna saudável e os ribeiros nos cumes nascidos que lhe fertilizam os campos, falam-nos apodícticos documentos. Foi sede de um concelho frondoso, extinto em 1855. Desde os começos da monarquia portuguesa que Leomil se divisou a Terra de relevo entre os povos que compunham o bispado de Lamego. Foi num abrir e fechar de olhos que a Vila *Leodemiri* já depois de arrasada pelos mouros em 982 e a eles filhada pelos cristãos se transformou no maior couto nacional com 276 km² e uma população de 6060 habitantes no tempo de Vasco Fernandes Coutinho.

Além dos Coutinhos várias foram outras as famílias de relevo que em Leomil espalharam as suas vergõntes. Delas ficou o registo da memória e bem assim alguns monumentos que ainda hoje podemos admirar. Do antigo castelo, do remoto hospital, dos primitivos povoados cinturados restam apenas algumas reminiscências e conjecturas. No período moderno os vestígios são monumentais: a igreja devota a S. Tiago, um punhado de capelas em uso ou já desmanteladas, quatro solares – dois deles armoriados - e outros edifícios de belo ornato de que é exemplo a casa da Câmara, o pelourinho, os cruzeiros, os portais, os moinhos, as inscrições, são apenas alguns dos que reclamam uma justa contemplação.

Persegui os seus encantos, sondei o mistério das suas noites sem lua, numa iminência deime a meditar na altivez dos seus cumes agrestes, entreguei-me à beleza dos seus horizontes, perscrutei nos seus tempos idos, segui os seus folguedos e canseiras, beije a frescura dos seus regatos, saboreei os frutos do seu cerne, escutei a sua voz ao sol, ao vento, à chuva, ao luar. Encontrei-a sempre afável, menineira e pacata. Sentia-a no palpitar do vento e na doçura da matina primaveril. Concluí que Leomil é isto e muito mais. E, na sinceridade destas escassas letras, ficam apenas fitos, retractos, esboços interiores que para serem completados necessitam de uma passagem in loco. Já dizia Miguel Torga: “embora muitas pessoas digam que não, sempre houve e haverá reinos maravilhosos. O que é preciso, para os ver, é que os olhos não percam a sua virgindade original diante da realidade, e o coração, depois, não hesite”.

Paraduça

Publicado no dia 09/09/2011

Percorrendo escassos quilómetros riba Leomil, eis-nos chegados a Paraduça, terra antiga e pitoresca que justifica paragem demorada para olhar profundo. O sítio aqui é de gosto. Hoje aldeia, na transição do século XVII para o século XVIII sede de freguesia, Paraduça ombreia com a Serra e está agachada nas sombras com os cotovelos fincados a espreitar o luar. O ribeiro, que Gonçalves da Costa dizia chamar-se Verge, fertiliza-a ao verter pelas encostas, humedecendo-lhe as paisagens e afocinhando aos rancos nos pontões depois de catrapós pelos cachafurdos dos corgos. Acizentadas ou fuligentes, esvaídas pelo luar, cobertas de querrubinhas e detuças no bravejar do fraguedo e do mato, as serranias crescem para o céu deixando desabar nos campos a aragem constante. Aí a mudez dos ermos soa pelas chãs e matas do vale. Há dias em que nada quebra o silêncio esfíngico e o sossego do dia. O silêncio lá nos píncaros, enluarado e frio, paira como se fosse o manto que algum fantasma deixou no ar.

O verde dos lameiros, as matas alcandoradas no vértice da Serra; os penedos erguidos em tempos de que não há memória em jeito de bandeiras de batalha; os palheiros de povoamento e azáfama beiroa ancestralmente soerguendo os lombos de colmo repudo; o casario rústico e característico com combarros e quintãs, que os alpendres já vieram abaixo; os currais e quinchosos de animais de cuja convivência sobressaía a cainçada a latir; os largos e as eiras de fraguedo onde se estendiam mantas de milho e tabuleiros de barga acompanhados a compasso pela fiagem, doubagem e espiolhagem de mulheres de lenço afincado e avental de riscado; a carugeira dos pinhais pela calada das horas a zumbir baixo nos desvãos das lombas; são alguns ecos de tempos ancestrais ainda pressentidos por quem ali e acolá se detém.

É verdadeiramente poética a observação de dias outoniços com as folhas amareladas e vermelhas pontear em pelos ares e caírem no chão como lágrimas, na luz do sol. Os negros das serras rondam o horizonte e à noite o luar vai-se descobrindo, molhando pertos e longes, cintilando e pairando como um finíssimo véu alagado com levíssimas tintas de anil.

No Largo do Carril, ergue-se um crucifixo antigo, uma das antiquilhas que mais merece reparo na região, prova irrefutável de afincados e provecos credos que tratavam de prantos baixos e delidos e os coros processionais que ecoavam como soluços de um bando de condenados. Serpenteavam amiudadamente nesse espaço, outrora, os pés descalços, bandos de miúdos que esfarelavam as calças de cotim já remendadas com trapos do mesmo pano, apenas vigiados por fiapos alvos de nuvens ali próximas pela altitude do lugar.

Os fraguedos da Pena distam dali pouco. Ter-se-ão arregimentado ali alguns monumentos megalíticos, no Cabeço das Orcas, provenientes dos antigos milénios do Neolítico. Daí terá colhido a terra o seu nome, *petra-adunca*, que terá evoluído para *Paraduça*. Desses monumentos ficaram apenas carrancas de fraguedos e abrigos megalíticos, delidos pelos ares ventosos tão altos e próximos às faíscas da sementeira de estrelas que ali se divisam.

Da cumeeira à encosta cozia-se outrora a terra à enxada e ao arado, aparecendo seixos e rebolos à flor do chão como ossos brancos de esqueletos desenterrados e esgadhados pela fúria de feras esfaimadas. Lobrigavam-se tapadas de centeio, sortes de milho, lenteiros de feno, pastagens e hortas do que mais viçoso era possível colher. O arvoredado de grande porte era constante até soçobrar às mãos do fogo descontrolado. À beira dos calços as giestas ganhavam.

Da religiosidade remota chegou-nos a memória de várias confrarias antigas (nomeadamente a do menino Jesus e do Espírito Santo), a ermida da Senhora da Luz e o templo devoto ao guardião das chaves do céu, S. Pedro, outrora da invocação do Espírito Santo (pelo menos em 1708). É de origem antiga, assim como o povoado que manteve sempre a sua característica de singeleza, comprovada com o censo de 1527 que lhe atribuíu apenas 8 moradores. Ao longo do tempo as terras de Paraduça foram amplamente transaccionadas em virtude da sua fertilidade, de que foi exemplo o Dr. Frei Álvaro de Freitas, abade comendatário do mosteiro de S. João de Tarouca, que aqui tinha uma quinta nos finais do século XV.

Na Portela (pequena porta) que em tempos cobrava direitos de portagem da *terra domenicata* do célebre Couto de Leomil, metemos por um caminho íngreme de cuja altitude se faz vista boa para as águas da ribeira do Nozede e para os calhaus da outra encosta cimeira, estáticos e de uma portentosidade que fixa com o fito altivo de nobre. São penedias ancestrais leomilenses que guardam os píncaros e olham o vale que lhe desliza com o minério necessário à vivacidade do granjeio. O Nozede é apenas um dos inúmeros cursos de água que têm berço na Serra de Leomil e que se estendem por vários vales e campos rumo ao Douro, toldando-os com uma água cristalina que corrisca em veias pelo solo do Demo.

Volvidos alguns minutos estamos na Semitela, alfobre de semitas. Terra de aragens constantes, situa-se na meia encosta numa das saias da Serra. Serranias churras, pinheirais, lá ao cimo nas cristas pedregosas. Leiras verdejantes em jeitos de frescura, coriscos de água pondo termo à calma absorta, cá e lá em baixo. Num e noutro sítios crescem soutos com bravura e ao lado espreitam muros de silvas, musgos e outros líquenes. Nós estamos ali “agora”. Eles estão ali desde “ontem”. Nós contemplamos o que vemos. Eles escondem silêncios remotos. O vale, no estendal do granjeio, acolhe os assobios dos pássaros numa orquestra onde cores e sons se fundem. Reter certas luzes do sol a pôr-se, ver certos muros de torres em ruína faz pressentir pavores ancestrais, atrás de calhaus à espreita dos medos surrateiros, talvez semíticos. A paz que ali se presente é como a dos pousios, apenas sacolejada pelas águas a borbulhar nos caminhos, direitas aos mimos dos granjeios. Hortas, pastagens, searas, colgaduras de estevas e rosmaninhos fazem parte um habitat variado por onde esbraveja uma fauna díspar. Olhar para estas aguarelas com olhos de ver, é viajar por várias dimensões e rememorar as idades esquecidas, os legados que ainda não findaram.

O povo da Semitela (Semit = semitas + tela = ideia de povoado) é a prova cabal da presença semítica ancestral (judaica e árabe) na nossa região. O termo semita tem como principal designação o conjunto linguístico composto por uma família de vários povos, entre os quais se destacam os árabes e hebreus, que compartilham as mesmas origens culturais. A origem da palavra semita vem de uma expressão no Génesis da Bíblia que se refere à linhagem de descendentes de Sem (Semitas), filho de Noé. Modernamente, as línguas semíticas estão incluídas na família camito-semítica.

No século I da era cristã, os judeus acabaram por se dispersar pelo império romano ao qual passaram a pertencer, dando origem a uma diáspora. Nessa diáspora vieram para a Península Ibérica e uma comunidade instalou-se no couto de Leomil, um espaço integrador, multi-étnico e multi-religioso. Ter-se-ão instalado no sopé da serra, nas imediações da sede jurídico-administrativa do Couto, dando-se a essa comunidade o nome de Semitela. Etnicamente os árabes também são semitas, por isso Semitela, que designa urbe de semitas, tanto poderá referir-se a um pequeno povoado de judeus como de árabes ou de ambos em conjunto. Por esse modo, é crível que a povoação da Semitela remonte ao período da conquista ou reconquista da Península Ibérica. Semitela é um nome pelo qual os próprios semitas não se intitulariam. É algo externo a eles próprios. É uma designação de cristãos sobre os outros povos étnico-religiosos. Daí que seja mais plausível que a Semitela tenha sido constituída na época da reconquista cristã.

Poder-se-á ainda equacionar outra hipótese. O latim “Semitella”, como reflecte Almeida Fernandes no célebre trabalho “Toponímia Portuguesa”, poderá ser diminutivo de “semita” com significado de “senda” ou “atalho”. Seguindo ainda a evolução linguística da toponímia poder-se-á conjecturar que “heremitella” de “heremita” relacionada com um templo terá dado origem a “eremitella”, depois “esmitella” e finalmente “Semitella”.

A Semitela foi sempre, na verdade, uma pequena comunidade e nunca deixou de pertencer a Leomil: primeiro ao Couto, depois ao concelho e hoje à freguesia. Poucos são os documentos que dela nos falam. Mas os poucos que a ela se referem apontam precisamente para a sua pequenez. É o caso, a título de exemplo, da monografia oitocentista do Padre Carvalho da Costa, onde consta que essa paróquia tinha ermida de Santo António e aí viviam 12 vizinhos. Apesar de pequena a sua feição é grande a importância desta terra para se perceber a diversidade religiosa e matriz cultural desta sub-região.